

PRÁTICA E EXPERIÊNCIA A PARTIR DA SALA DE AULA: O PAPEL DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Olindina Ticiane Sousa de Araújo¹

Universidade Estadual da Paraíba/ ticiane2606@hotmail.com

Resumo

Pautando na necessidade de refletir sobre as práticas docentes, mediante a experiência do estágio supervisionado curricular, este texto tem por finalidade apresentar discussões acerca do fazer cotidiano em sala de aula pelos estudantes de licenciatura, principalmente em história, a condição de ser/estar professor (a) em tempos presentes e o papel formador desempenhado pelo estágio curricular. Conforme sendo, o presente artigo relata a breve experiência do estágio supervisionado na turma do 1º ano do ensino médio, em uma escola da rede pública de Campina Grande-PB, visando às possibilidades e desafios da profissão professor (a) e o ensino de história diante das dificuldades e limitações. Portanto, as construções reflexivas e a escrita do texto estão norteadas pelos referenciais teóricos de Cainelle, Libânio, Schmidt, Pinsky e Zabalza, contribuindo com conceitos e metodologias de ensino e aprendizagem, principalmente.

Palavras-chave: Estágio curricular. Licenciatura. História. Prática educativa.

INTRODUÇÃO

O tempo presente exige de nós, professores e professoras, o acompanhamento das transformações e a adaptação para estas, principalmente tecnológicas. A agitação do tempo moderno e o exigente cumprimento das atividades diárias não nos permite dedicarmos, exclusivamente, a realização de tarefas destinadas ao nosso conforto pessoal, individual, por exemplo.

¹ Graduada em História Licenciatura pela Universidade Estadual da Paraíba.

Esta provavelmente seja uma das principais funções do educador e educadora: pensar e agir no coletivo. Tal condição se exemplifica no planejamento de aulas, no comportamento e na atenção destinada a muitas pessoas durante o dia, ao empenho em promover a aprendizagem de muitos, não pela necessidade de aplicar números satisfatórios, mas como realização profissional e pessoal de alguns mestres-educadores (as).

Assim, o estágio supervisionado curricular, ao longo da formação plena em licenciatura, oportuniza um lugar ao graduando e graduanda de ação, quando colocada em prática um série de ideias, estímulos, princípios éticos, elementos afetivos, aspectos sociais, culturais e tantos outros.

Desta forma, para a tessitura deste texto, também construído por relatos de experiência docente, estão evidenciados os referenciais teóricos de Pinsky (2004), Libânio (2013), Zabalza (2014) e outros. Metodologicamente, segue-se a descrição da experiência de estágio supervisionado em diálogo com conceitos e metodologias de ensino.

Em termos de organização das principais ideias, o texto encontra-se dividido por momentos e suas respectivas subdivisões, a saber: *O ensino de História em Tempos Atuais, O estágio Curricular na Graduação e A experiência do Estágio Supervisionado em Sala de Aula*. Este último ponto traz ainda *O estágio supervisionado na prática: primeiras observações, O tema e a metodologia e os Breves resultados do estágio curricular*.

O ENSINO DE HISTÓRIA EM TEMPOS ATUAIS

Diante das tantas responsabilidades, deveres e requisitos fundamentais à postura e as competências direcionadas ao professor (a), observamos em tempos atuais, o ato de ensinar como prática pedagógica marcada por adaptações, transformações, criatividade, limitações e conquistas analisadas e qualificadas pelas propostas didáticas adquiridas através das maneiras de fazer/saber o cotidiano na sala de aula, ou para além de suas extensões.

Compreender o passado, através de seus fatos e acontecimentos, fazendo situá-los/situar-se em seus contextos, são condições que se mostram como objetivos idealizados pelo (a) professor (a) ao propiciar um ensino de história capaz de apresentar e aproximar os (as) alunos (as) dos conhecimentos históricos, principalmente, fatos estes resultantes das

ações dos homens ao longo do tempo, como disse Marc Bloch (2001), ao refletir, certa vez, o conceito de História, na obra *Apologia da História ou o ofício do historiador*.

Mesmo pensando e repensando incessantemente a maneira de se ensinar história, para situar os alunos e alunas nos contextos dos fatos e acontecimentos históricos, recorreremos, muitas vezes, aos modelos tradicionais de sequências temporais cronológicas, utilizando-nos de gráficos, números, marcos e linhas como recursos facilitadores de compreensão e criação de sentidos, a respeito das questões e temáticas tecidas pela mediação do educador ou educadora durante a aula exposta. Desta forma, ensinar história é:

(...) em primeiro lugar, levar os alunos a se apropriarem de uma linguagem específica. Neste sentido, os conteúdos do ensino são inseparáveis das modalidades de sua transmissão. (...) Como o historiador mas no nível que lhe é próprio, o aluno deve descobrir, analisar, classificar (...). (BOURNE, 1998, p. 139).

Mesmo assim, observamos o teor de chatice, cansaço e repetitividade que as aulas de história podem adotar, a depender do empenho e desempenho do educador ou educadora. Pois, de acordo com Schmidt (1998, p.57), “(...) comumente ouvimos os alunos afirmarem: “eu não dou para aprender História” (...)”, e isso se constitui como práticas didático-pedagógicas reduzidas a rendimentos mínimos. Inegavelmente, na maioria das vezes, as reações de desvantagem, dificuldades e desafios estão camufladas por irreais resultados estatísticos, tidos por satisfatórios, não condizentes as vivências reais de sala de aula e as condições de ensino oferecido.

Diante dessa realidade, é necessário atenção e planejamento para não convergir às explicações dos fatos às situações isoladas, sem conexões com os contextos sociais, culturais vivenciados pelos estudantes, permitindo-lhes, também, espaços para relacionar e demonstrar a compreensão dos assuntos, respeitando as mudanças de períodos e as transformações ocasionadas pelo tempo e nos espaços sociais, despertando, assim, o entendimento sobre as diferenças entre mudanças, causas e consequências, por exemplo, norteadas por meio das várias perspectivas de análises sobre um mesmo fato do passado, porque ensinar consiste em “(...) dirigir, organizar, orientar e estimular a aprendizagem escolar dos alunos”. (LIBÂNIO, 2013, p.14).

Todavia, é importante enfatizar que o ensino de história não pode ser reduzido a datas oficiais, personalidades tidas como heroicas e a posturas de incentivo à memorização de informações básicas, transformando-se em exercícios enfadonhos e mecânicos. Pois,

Essa concepção de História, embora muito criticada “em tese” e fruto de chacotas, ainda é utilizada na prática de muitos historiadores, autores e professores para quem historiar é simplesmente relatar algo que já ficou para trás. Presos a uma cronologia estabelecida há muito tempo, evitam fazer “cortes” criativos, refugiando-se na assepsia de uma História pretensamente neutra. (PINSKY, 2009, p.09).

Para tanto, é preciso investir na mudança dos antigos hábitos de ensinar, pois se tornam fundamentais na formação continuada do professor e professora o acompanhamento das transformações, principalmente tecnológicas, fazendo das mesmas condições aliadas e não divergentes ou inimigas no processo ensino-aprendizagem. Conforme sendo, tornar-se pertinente dedicar-se aos planejamentos de aula, adaptar-se as condições ofertadas e as escolhas dos recursos didáticos mais apropriados às realidades escolares, na medida em que:

(...) o conhecimento histórico seja ensinado de tal forma que dê ao aluno condições de participar do processo do fazer, do construir a História. Que o aluno possa entender que a apropriação do conhecimento é uma atividade em que se retorna ao próprio processo de elaboração do conhecimento. (SCHMIDT, p. 59).

Ainda assim, um dos desafios marcantes da experiência docente em história são as organizações e seleções de temas, além das versões de abordagens, sem desmerecer ou ocultar capítulos dos livros, seja por falta de domínio de conteúdo e/ou pelo tempo reduzido dos horários das aulas, impondo-se, em sua complexidade, a exigência de desenvolver nos alunos e alunas a possibilidade de estimular reflexões críticas e analíticas sobre os conteúdos ensinados, oportunizando a constituição de novos saber. Conforme sendo, “É necessário um movimento articulado entre as renovações da historiografia e as renovações na forma de ensinar História para que haja significativamente uma mudança na forma de seleção dos conteúdos”. (CAINELLI, 2012, p. 169).

Destarte, são por intermédios das problemáticas e problematizações, acerca das ações educacionais estabelecidas entre professores (as) e alunos (as), que surgem os apontamentos cruciais sobre as forma de utilizar as temáticas, os materiais de estudo e o incentivo dado às dinâmicas inovadoras e criativas para o ensino de história, visto que o sucesso ou fracasso de uma aula depende, entre outros fatores, do desempenho, planejamento e interação do educador ou educadora com os seus educandos, vistos e inseridos em um espaço (escolar) identificado pelos interesses singulares de ambas as partes envolvidas nesse processo formador de cidadãos críticos, reflexivos e participativos na sociedade.

O ESTÁGIO CURRICULAR NA GRADUAÇÃO

Os estágios curriculares supervisionados, sejam de observações ou regências, é um momento muito importante nos cursos de licenciatura, pois estes períodos de formação oferecem aos alunos e alunas chances de aplicarem as teóricas educacionais, apreendidas na acadêmica, à prática cotidiana de sala de aula ou, ainda assim, estabelecer relações didáticas e temáticas entre as práticas e teorias.

Entretanto, a sua funcionalidade está para além das possibilidades de associar prática e teoria ou dar iniciação a “vida de professor e professora”, pois conhecimentos, posicionamentos e inquietações acerca do contexto escolar podem ser aflorados pelo aluno-mestre crítico e reflexivo, produzindo, também, sujeitos e sujeitas em formação de formador autônomos, criativos e conscientes da profissão e das realidades evidências por esta.

Sob estas circunstâncias, é comum percebermos o estágio supervisionado como um mecanismo formador, capaz de produzir experiências equivalentes às práticas pedagógicas, além de se constituir enquanto um ciclo de identificação ou não com a escolha da profissão alusiva ao curso de licenciatura. Sendo assim, “Um dos aspectos fundamentais do estágio (...) é o fato de que se trata de um momento da formação que se desenvolve fora da instituição acadêmica e longe do manto protetor que esta costuma estender sobre os estudantes”. (ZABALZA, 2014, p.239).

Os estágios supervisionados podem se transformarem em oportunidades únicas para apresentar e aperfeiçoar habilidades e criatividade, fugindo das muitas pressões cotidianas advindas do trabalho, cobranças da gestão e pais de alunos (as), estando apenas sobre a sentinela das consequências oriundas das falhas, acertos e obrigações competentes ao próprio estágio. Diante dos inúmeros desafios cotidianos, os alunos-mestre são determinados a “(...) aplicar o que aprenderam na sala de aula, executando uma transferência linear e não problemática. (...) exigi-lhes capacidade de avaliação, intuições oportunas e prontas decisões”. (BOCCHESE, 2001, p.26).

Para desenvolver competências é preciso criar “situações-problemas” as quais se devam ser resolvido com agilidade e inteligência. Há a necessidade de proporcionar oportunidades de enfrentamento das dificuldades e limitações. Em outras palavras, o estágio curricular também é um exercício constante de superação do indivíduo, em relação as suas limitações e deficiências. Desta forma, “A dificuldade dos alunos-mestres está a mostrar-nos, com clareza, que saber algo não é sinônimo de saber fazer na prática. (...) à universidade não

basta formar para o conhecimento. Cabe a ela (...) formar para a competência”. (BOCCHESI, 2001, p.27).

A atitude docente realizada no estágio permite que os alunos e alunas estagiárias troquem experiências com os profissionais da escola-campo, apresentando a estes novas abordagens e metodologias e ajudando a melhorar a prática pedagógica, proporcionando, assim, aberturas para diálogos, pensamentos e a aproximação dos conhecimentos produzidos pela universidade em parceria com os saberes escolares. Nas palavras de Milanesi (2012, p. 220),

Nessa visão, a universidade precisa alargar fronteiras do convencional, ou seja, perceber que a formação é construída quando o estagiário passa a entender que, para obter conhecimento, se faz necessário inovar, refletir sobre a realidade profissional, ampliar conhecimento, fazer uso de sua criatividade, ter iniciativa, dentre outros aspectos.

Mesmo aplicado a um curto período de tempo, destinado à aprendizagem de alguns aspectos profissionais, o estágio supervisionado acontece por etapas e, mesmo assim, não será capaz de integralizar todas as ações relacionadas à profissão de professor (a), recorrendo, sempre que possível, aos fundamentos teóricos para problematizar conceitos e metodologias, por exemplo.

Diante disso, a perspectiva da prática docente do estágio, em tempos atuais, não permite a repetição de modelos, visto que as exigências para amparar o hábito da pesquisa e das reflexões sobre o campo educacional, suas metodologias e didáticas se fazem cada vez mais importantes no processo de formação do professor (a), pois a escola se define enquanto um ambiente vasto de informações e leituras sobre a educação, análises do trabalho docente, os enquadramentos sociais e as realidades vigentes em suas extensões, além dos impasses e dificuldades permanentes no contexto escolar.

A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SALA DE AULA

As dúvidas de como agir e a possibilidade de não se tornar um “bom professor ou professora” são frutos de uma nebulosa nuvem que abriga o medo de fracassar, a pouca oportunidade de qualificação constante, as pressões familiares e profissionais da área, as realidades difíceis de valorização profissional e financeira contidas na profissão de professor(a) no país a qual vivemos.

De tal modo, a escola, seja ela pública ou privada, se transforma em um espaço construído por vivências cotidianas, experiências múltiplas entre as várias funções e idades diferentes. Este mesmo espaço ainda funciona dentro da sociedade como um órgão responsável por suscitar a participação coletiva de inúmeras pessoas e por exigir e exercitar constantemente a prática da cidadania, autonomia, criatividade, responsabilidade, comprometimento, construções e trocas de conhecimentos, edificação das relações de poder e laços afetivos.

O estágio supervisionado na prática: primeiras observações

A intervenção do estágio curricular de prática docente aconteceu em virtude da exigência do componente curricular Estágio Supervisionado de Obrigação, na qualidade de regência, no ano de 2017, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Solon de Lucena pertencente à rede pública de Campina Grande-PB. Em 1961 o grupo escolar foi transferido para a atual localização na Rua Prefeito Ernani Lauritzen Terreo e em 1998 se transformou em escola estadual, sendo o decreto de sua criação: 320/2001.

Em relação à construção do terreno, a escola possui 21 (vinte e um) salas, sendo 12 (doze) ocupadas como salas de aula, apresentou sala de diretoria, sala dos professores e professoras, secretária, banheiros, quadra de esporte, laboratório de informática, cozinha, refeitório e biblioteca. Há época, a infraestrutura demonstrou necessidades de reparos na manutenção de portas e janelas e a pintura de vários espaços, havendo, também, a carência de reorganização das salas de aula e de outros lugares de convivência no ambiente escolar.

A comunidade escolar seria variada e se caracterizou pela presença de diferentes níveis socioeconômicos. A experiência de estágio supervisionado foi realizada com uma das turmas de 1º ano do ensino médio. Esta mesma instituição educacional oferece a formação básica para o ensino fundamental e médio, além da educação de Jovens e Adultos (EJA).

A presente turma 1º ano do ensino médio, com aulas no turno da tarde, era composta por 8 (oito) estudantes, dentre meninos e meninas com faixa etária de 16 a 18 anos, respectivamente. A turma teria passado por um programa oferecido pela própria escola para concluir o ensino fundamental em dois anos.

Mesmo tendo iniciado o ano letivo com muitos estudantes, a sala sofreu o processo de evasão consideravelmente, cujos motivos circularam desde questões familiares as oportunidades de emprego, reconhecendo que a “Evasão nada mais é que do que um processo

de exclusão, estejam ou não os excluídos cientes disso. Ela representa a negação não apenas das histórias de vida, mas das possibilidades reveladas pela aquisição do saber”. (FIGUEIREDO; SALLES, 2017, p.372).

Vale salientar que, se a escola, independentemente de qual seja, não assumir o perfil de acolhimento, aceitação das diferenças e desenvolver a solução dos principais pontos responsáveis pelos casos, principalmente, de evasão, poucos serão os índices indicativos de permanências e por muito tempo esses problemas estarão presentes nas pautas de discussões sem caminhos que direcionem a resolução dos problemas identificados.

Esta turma apresentou dificuldades de domínio da escrita padrão da língua portuguesa, assim como complicações na leitura e interpretação textual. Assumiram um bom comportamento, mas o desinteresse pelo componente curricular história foi externalizado com desânimo de maneira unânime.

Tema e Metodologia

A aula da primeira prática docente teve por tema *O Apogeu Romano*, acompanhando a sequência temática do livro, com a finalidade de entendermos as estruturas sociais e políticas da República Romana, pois o professor da turma já havia informado sobre as principais características, envolvimento e limitações, além dos conteúdos já ministrados naquele ano letivo. Esta aula correspondeu a 45 minutos, sendo utilizadas anotações esquemáticas no quadro e um pequeno roteiro com imagens e perguntas sobre a proposta. A ideia principal visava aproximar, por meio do conjunto representativo de ilustrações contextualizadas, a temática à turma, na tentativa de atribuir sentido e construir novos saberes a partir da aula dialogada.

Por meio da organização da sala em forma de ciclo, estabelecemos uma dinâmica de aproximação que favoreceu os diálogos, estimulou a visibilidade e a interação, modificando um espaço pequeno e de pouca luminosidade natural para uma condição mais agradável. Pois, na perspectiva de Zabalza (1998, p. 236), “O espaço na educação é constituído como uma estrutura de oportunidades. É uma condição externa que favorecerá ou dificultará o processo de crescimento pessoal e o desenvolvimento das atividades instrutivas”.

De tal modo, o guia de estudo se constituiu enquanto mecanismo norteador. As imagens, quadros, tabelas e organogramas presentes em suas páginas ajudaram a conduzir as principais ideias, visto que possibilitou a associação mais rápida e consequente entre as ideias

pronunciadas e as imagens expostas. Vale evidenciar que todos e todas receberam uma cópia do material.

Em virtude das dificuldades de aprendizagem da turma, criou-se um jogo didático-pedagógico, *A Sorte Romana*, com o intuito de promover a revisão de conteúdo, tirar dúvidas e avaliar o desempenho, além de oportunizar a convivência em grupo. Para a confecção deste jogo interativo foi utilizado uma caixa de papelão, papel madeira e a impressão de perguntas relacionadas ao tema abordado e valores simbólicos de numerais de 1 a 10 como instrumento de pontuação a cada resposta acertada.

Observamos abaixo a caixa confeccionada:

Imagem 01: A caixa do jogo *A Sorte Romana*



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 26 de jul. 2017.

Acerca das instruções do jogo, pode-se dizer que cada participante aluno ou aluna, tendo todos os envolvidos oportunidade de retirar uma pergunta e respondê-la, sorteia uma questão sobre a estrutura social e política na República Romana, lembrando que estas questões devem estar relacionadas à aula.

O primeiro que pegar a pergunta tem o direito de iniciar o jogo, dizendo uma letra do nosso alfabeto, como se fosse o jogo da forca. O professor (a) pode utilizar o quadro para fazer as anotações. Se rapidamente, antes mesmo de terminar o jogo, o participante souber a resposta e acertar tem a chance de pegar um valor dentro do saco de TNT. Os valores representativos variam de 1 a 10 pontos, podendo aparecer frases do tipo: “Perdeu Tudo ou

Passou a vez”. A pontuação individual deverá ser registrada. Logo, aquele ou aquela que fizer a maior pontuação, garantirá um prêmio. A premiação fica a critério do professor(a). Por exemplo: pode ser brindes ou doces.

Em uma turma pequena, este tipo de material permite a participação de todos, conforme o tempo destinado às aulas, e a interação significativa, pois estimula a revisão do conteúdo e desperta o interesse pelo assunto estudado.

Dos Breves Resultados do Estágio Curricular

A experiência do estágio permite que exercitemos a nossa capacidade de organização, as nossas competências, a ética da responsabilidade e adaptação a novas realidades. Assim, são horários e regimentos que muitas vezes saem das nossas rotinas e ganham outras dimensões, influenciando positivamente na capacidade de modificar-se e aperfeiçoar o sistema de responsabilidades pessoais.

Portanto, a aceitação do material foi significativa e os efeitos da aula se refletiram no jogo didático, permitindo perceber o envolvimento, o interesse e a concentração uniforme da turma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Torna-se pertinente concluir este texto reafirmando a importância do ensino de história e o quão significativo pode ser a experiência do estágio supervisionado curricular durante a formação acadêmica em licenciatura.

Ao aluno-mestre cabe-lhe a tarefa de se descobrir enquanto futuro profissional, avaliar a profissão, superar os limites pessoais e da carreira, além de constituir necessárias vivências, observando o conjunto integral que forma a instituição escolar.

O estado de observação também é importante por auxiliar na elaboração da ação pedagógica, edificando pontes capazes de promover a aprendizagem significativa e espontânea. O tempo atual exige cada vez mais competências e habilidades, não só dos educadores e educadoras, mas dos próprios estudantes.

Por fim, este processo pode ser lento e cheio de obstáculos, porém, quando planejado e operativo, se transforma em espaços de visibilidades, participação, solidariedade e convivências recíprocas, de aperfeiçoamento e amadurecimento profissional do aluno-mestre e do professor-supervisor.

REFERÊNCIAS

BOCCHESE, Jocelyne da Cunha. O professor e a construção de competências. In: Délcia Enricone (org.). **Ser professor**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p.25-39.

BLOCH, Marc. **A história, os homens e o tempo**. In: ____ Apologia da História ou o ofício de historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 51-60.

BOURNE, D. Comunidade de Memória e rigor crítico. In: BOUTIER, J.; JULIA, D. (Org.). **Passados Recompostos: campos e canteiros da história**. Rio de Janeiro: UFRJ, FGV, 1998, p. 133-144.

CAINELLI, Marlene. A escrita da História e os conteúdos ensinados na disciplina de história no ensino fundamental. **Educação e Filosofia**. V.26. n. 51, Uberlândia. p. 163-184. Jan/jun. 2012.

FIGUEIREDO, Natália G. da Silva; SALLES, Denise M. Ribeiro. Educação Profissional e Evasão Escolar em Contexto: motivos e reflexões. **Ensaio: aval. poli. Púb. Edc.** Rio de Janeiro, v. 25, n. 95, p. 356-392, abr./jun. 2017. Disponível em:<
<http://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/ensaio/article/view/397>> Acesso em: 28 jul. 2018.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MILANESI, Irton. Estágio Supervisionado: concepções e práticas em ambientes escolares. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 46, p. 209-227, out./dez. 2012. Disponível em:<
www.scielo.br/pdf/er/n46/n46a15.pdf> . Acesso em: 28 jul. 2018.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2009. (Coleção Pensamento e ação na sala de aula).

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p.54-66.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi; História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. In: KARNAL, Leandro (org.). **História na Sala de Aula**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004, p.17-48.

ZABALZA, Miguel A. **O estágio como experiência pessoal** In: __ O estágio e as práticas em contextos profissionais na formação universitária. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2014. p.235-260.

_____. **Qualidade em Educação Infantil**. Porto Alegre: Atmed, 1998.